

RESENHA

SILVA, João Batista da. Entre o ideal e o real: das inquietudes humanas. Curitiba: Appris, 2023.

Lucas Alves Furtado

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Carlos Ângelo de Meneses Sousa

Instituto São Boaventura, Brasília, DF, Brasil

Jenerton Arlan Schütz

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Os sonhos nos são tão caros que raras vezes queremos nos livrar deles ao acordar. Não há um limiar claro que nos permita assegurar-nos sobre o que é um sonho ou o que é real. As teorias sobre os sonhos são intrínsecas à psicanálise, às mitologias, ao xamanismo. E inevitavelmente, uma doutrina ou outra acaba por se enveredar nos estudos dos sonhos. Não por acaso, dado que o ser humano vive esse dualismo constante.

No filme “O doador de memórias”, o sonho é descrito pelo doador, interpretado por Jeff Bridges como “a combinação de realidade e fantasia, uma mistura de emoções e o que comeu no jantar”. Não há sonho sem vida, não há fantasia sem a realidade. E o ser humano tem a plena capacidade de fazer com que não haja a sua realidade sem fantasia.

Inacabados como somos, através da imaginação, da arte, da mentira ou até mesmo de brincadeiras, temos a capacidade de criar para nós uma realidade paralela, passível de ser expressa por meio das particularidades que nos são impostas pelo mundo. Sejam elas as limitações da fala, do movimento, dos filmes etc. Como bem retrata o livro “Totem e Tabu” de Freud que através de estudos da psicologia dos povos, acaba trazendo de certo modo, uma demonstração do que implica o ideal e o real, o sonho e a realidade, o desejo, o querer fazer e o fazer em si, quando retrata uma atitude ambivalente do indivíduo com relação às proibições que lhe são impostas. O desejo é da realização, mas o real é que a imposição da não realização, criada como um tabu, assim como as penas propostas para quem transgride uma regra - mesmo que a punição seja de um mundo paralelo espiritual - são muitas vezes suficientes para que o indivíduo não realize seus desejos mais íntimos (Freud, 2013).

Pensar o ideal, é pensar todas as coisas que nunca serão realizadas, que sempre serão uma grande e distante fábula. Mas também, é pensar sobre todas as coisas que, de forma autêntica, seja traduzida em realidade sensível, através da criação de uma pessoa. Faz-se mister acrescentar que estamos inseridos em um momento histórico em que uma distopia como o livro de George Orwell, intitulado “1984”, ganha vida em um programa televisivo utópico onde todos os “sonhos” contemporâneos se realizam. O desejo do ganho fácil, da exposição e conseqüente fama de pessoas que mais se interessam por sexo e sexualização, drogas e dinheiro a qualquer custo. Às vezes as custas da sexualização e deturpação de sua própria imagem, vez ou outra por meio da denegrição da imagem do outro. O que dá vida ao que João Batista menciona em seu livro, sobre



o ideal de muitas pessoas, que buscam incessantemente a perfeição, ideal que é pregado pelas redes sociais e pelos demais canais de comunicação aos quais estamos expostos.

Viver os sonhos e realizá-los, implica em saber viver a realidade, por mais paradoxal que pareça. É nesse lugar que o livro “Entre o ideal e o real: das inquietudes humanas” se localiza. Com 120 páginas ensaísticas, escritas pelo declarado idealista, João Batista da Silva. Publicado pela Editora Appris, de Curitiba, em 2023. João Batista escreve em seu livro diversas inquietudes filosóficas dialogadas em sala de aula, mas que por várias razões não se esgotavam naquele ambiente. João atua como professor universitário há mais de 22 anos. Possui graduação em Filosofia (Universidade Federal de Goiás – UFG/1992), especialista em Gestão da Qualidade em Serviços (Fundação Getúlio Vargas – FGV/1997), e mestre em Educação (Universidade Católica de Brasília – UCB/2017) na área de Filosofia da Educação. Atualmente está dedicado ao universo literário filosófico, compondo seu segundo livro.

Este livro, que representa um processo dialético do próprio autor, aborda profundas questões filosóficas. Proporciona ao leitor uma miríade de ângulos, pelos quais pode perceber que o ideal não é apenas uma agulha no palheiro, a ser buscada por aquele que a deseja, individualmente, mas construído e reconstruído de acordo com o momento histórico e a sociedade em que se vive.

O livro é composto por um prefácio, introdução, e dez partes interconectadas. Apesar de que os ensaios podem ser lidos isoladamente, mesmo que essa leitura represente uma visão estreitada do que a obra representa. Apresenta uma rica e vasta qualidade de notas de rodapé, com referência às obras citadas e utilizadas no processo reflexivo do autor. Possui internamente divisões que possibilitam um enfoque dado em um problema filosófico específico durante a leitura de cada uma das partes, que possibilita uma clara interpretação e facilita o processo reflexivo, seja ele realizado por um professor, estudante de Pós-graduação, graduação ou de ensino básico, dado que o texto suscita reflexões comuns a quase todo ser humano, em grau mais ou menos profundo. Assim, a leitura pode ser interessante do especialista ao cidadão comum, e levanta questões significativas a diversas áreas de conhecimento, como a filosofia, educação, psicologia etc. E ainda tem uma relevância especial a todo e qualquer professor, que lidará com sonhos alheios durante toda sua carreira.

Na introdução, o autor começa uma apresentação ao leitor o tema sobre o qual o livro diz respeito, sendo ele, as inquietudes humanas. Estas, vistas com a ampliação de visão que a história pode nos trazer a fim de compreender como chegamos às inquietudes que temos hoje, de certa forma, problemáticas atuais, atualizadas e em atualização, como uma processualidade da vida. Visto que em geral são mutáveis ao longo da história. Também realiza uma apresentação de cada um dos ensaios que estarão dispostos ao decorrer do livro, os quais serão apresentados a seguir.

O ideal não é apenas percebido como um sonho, ou um desejo a ser alcançado, mas como um objeto de estudo, uma questão central que nos leva à construção histórica da nossa civilização, do sistema político, familiar e da classe social em que estamos inseridos. Com base na qual enfrentamos os desafios de desejar uma coisa ou outra, de desejar ser e apresentar ser de uma determinada forma. Ou mesmo de questionar de forma racional, teológica ou mesmo de senso comum sobre a existência. Assim, o sonho é perseguido por cada um de uma forma, de acordo com as possibilidades e crenças que nos são viáveis, “da liberdade” que nos é dada ou adquirida.

A busca pela perfeição, o mundo da fantasia nos é apresentado desde a mais tenra idade,

e por isso, desde cedo construímos o nosso próprio mundo ideal. É nesse lugar que o primeiro capítulo leva o leitor. “Em que medida o ideal de perfeição pode tornar-se o nosso flagelo?” Sob este título, é realizado um convite ao questionamento sobre as subjetividades, sobre a função da linguagem, sobre a construção desse ideal de “perfeição” e à uma nova perspectiva sobre a conduta frente ao mundo. O outro corre o risco de se tornar mero acessório nas relações e não reconhecido em sua alteridade.

Ainda com um olhar poético e atento, o segundo ensaio do livro é intitulado pelo questionamento “Há uma ordem necessária que torna possível a existência de tudo?”. E a essa pergunta o autor digressa com questionamentos sobre a teleologia. Inicia um debate sobre a forma como o monoteísmo inseriu uma necessidade de ordem, uma definição conceitual de tudo, que acaba por reduzir o ser ao ideal do ser. Também passeia pela construção filosófica antiga, como tentativa de explicação do caos, que por eles era visto com mais amabilidade do que pelo monoteísta. Além disso, a ciência contemporânea finalmente recupera a aceitação ao caos como constitutivo do próprio homem, em um ato de aceitação da própria condição humana, aleatória, caótica e dada ao acaso completo que permite ao ser humano sua própria condição.

Historicamente, a outorga da dúvida pertenceu àqueles a quem foi permitido buscar além. Apesar de a dúvida habitar em nós, nem sempre foi benquista pelos antigos e atuais governos dominantes, construídos pela fé. Nessa construção se situa o terceiro ensaio, intitulado “A dúvida é uma centelha que habita nossa alma”. Uma breve e inquiridora construção sobre a natureza questionadora e o espírito domável dos homens vazios. Um convite ao desvencilhar da mediocridade pela dúvida, e póstuma percepção de que não há uma verdade única.

O quarto ensaio, “Da arte de esculpir a si mesmo”, aborda o tema das escolhas que fazemos, e como elas tem a capacidade de nos aprisionar. Melhor dizendo, como nós temos a capacidade de nos aprisionarmos em promessas que fazemos para nós e para os outros. Inviável é, saber se nossas decisões influirão positiva ou negativamente sobre nossas próprias vidas. Estamos dados ao devir, somos moldados e moldadores do nosso ambiente.

A crença de que o tempo é regido por Deus, que sabe muito bem o momento de dar ou tirar, tem sido um baluarte para as dores de muitos. E o tempo contemporâneo trouxe consigo o que o autor chama, como título do quinto capítulo, de “Pêndulo existencial: a ficção do tempo ideal das telas defronte ao mundo real”. Cremos em um tempo que não pertence a nós, mas devemos seguir, e lograr conquistar nesse tempo. O autor convida à reflexão acerca de nossa ótica perante o mundo, da forma como utilizamos a tecnologia, de como nos aproximamos do outro que mediados especialmente pelas tecnologias digitais, configuram relações, em geral, de distanciamentos e superficialidade na enganosa e fúgida proximidade midiática.

Ainda em profundo questionamento, no ensaio intitulado “Há uma finalidade, um sentido para a existência?”, João Batista mais uma vez resgata a história da filosofia, trazendo a perspectiva platônica, e platônico-cristã, da redução negativa do corpóreo, e uma ode à alma. Posteriormente, em uma reflexão, principalmente a partir de filósofos modernos e contemporâneos, recupera o sentido positivado do corpo. Logo, de uma existência carnal com menos privações, com mais autonomia na interpretação da realidade e autoconhecimento.

O capítulo sete, “Sobre a vida e a morte”, recupera também a razão da existência, em uma busca do que constitui o ser humano, ao que o autor perpassa o tema, percebendo, mais uma vez, sua natureza social. Desde que somos assim, construídos e construtores por relações, somos

à base de diálogo, e da construção de vários pensamentos. Devemos compreender o amor e a tolerância como a melhor forma de mediar essa inter-relação que estabelecemos com o mundo. Somos unidos por uma razão, a nossa humanidade. O universo, a terra, o tempo, e o meio em que estamos inseridos é, para Silva, o que há de mais próximo de um Deus.

Há quem diga que o silêncio vale mais que mil palavras, ou uma imagem, um olhar, ou o que quer que seja. O não dito é uma forma de dizer aquilo que não pode ser expresso com palavras. O oitavo ensaio, “Sobre o desnudar dos nossos afetos”, trata sobre as emoções, sobre seu caráter propulsor para uma existência mais inteira. O que seria uma vida sem o amor, sem poder acreditar que uma pessoa pode ser tudo aquilo que um indivíduo busca no outro? O ideal de perfeição cria a famosa frase “o amor é cego”. O curto, mas rico capítulo, induz o leitor ao questionamento sobre a expressão do próprio desejo. Deve ser atendido, ou deve ser abruptamente interrompido? Desnudar os afetos, segundo Silva, pode nos levar ao abandono de determinadas virtudes, sob pena deles não poderem ser expressos.

A liberdade é um dos mais altos ideais buscados em todas as épocas, obstinadamente perseguida em todas as culturas. A liberdade pode ser para alguns a salvação, ir ou fazer o que quiser, para outros. De qualquer forma, como nos lembra João Batista no penúltimo ensaio intitulado “O sonho de liberdade”, invariavelmente não há conquista sem perdas. A imaginação exerce papel mister em dar asas a liberdade, ainda que para alguns, esta possa conduzir diretamente ao cárcere da promessa da conquista, em lugar de desejo.

Tomando como ponto de partida a história de uma pessoa, o décimo ensaio, que perpassa a natureza “Das nossas certezas”, atravessamos a nossa infância com diversas certezas, comparada por João ao período medieval. Prossegue para o período do renascimento, representado pela adolescência, inquieta e de libertação. Findamos no período da maturidade, das dúvidas, da percepção de que o homem está inserido em seu contexto, de que a moral fundada não é a moral universal, de que existem “morais” de diferentes classes. Assim, se encerra o livro. Com um verdadeiro convite para o movimento incessante de dúvida, de inquietudes que venham a dar novos significados a vida.

Esse livro de João Batista da Silva se enquadra em um ensaio filosófico que enriquece debates sobre a moral, ética, filosofia da religião, filosofia política, história da filosofia e filosofia da ciência. Sua ampla reflexão perpassa diversos períodos históricos e filosóficos, que possibilitam problematizações, a partir das inquietudes humanas, que são, de certa forma, quase confluentes em nosso mundo globalizado. Dentre as questões centrais, fixa-se o desafio de libertar o indivíduo do encarceramento pelo desejo ao inatingível, difundido amplamente pelas redes sociais atuais, que doutrinam cada ser humano na busca pelo ideal de perfeição prefixado em escala global.

Referência

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. São Paulo: Penguin, 2013.